



A paz e os direitos humanos em dia de comemoração na capital da República

Na última terça-feira, Brasília viveu momentos incríveis na comemoração do Dia Internacional dos Direitos Humanos, e várias figuras emblemáticas se uniram a mim e ao nosso grupo de pacifistas para refletir sobre o momento atual.

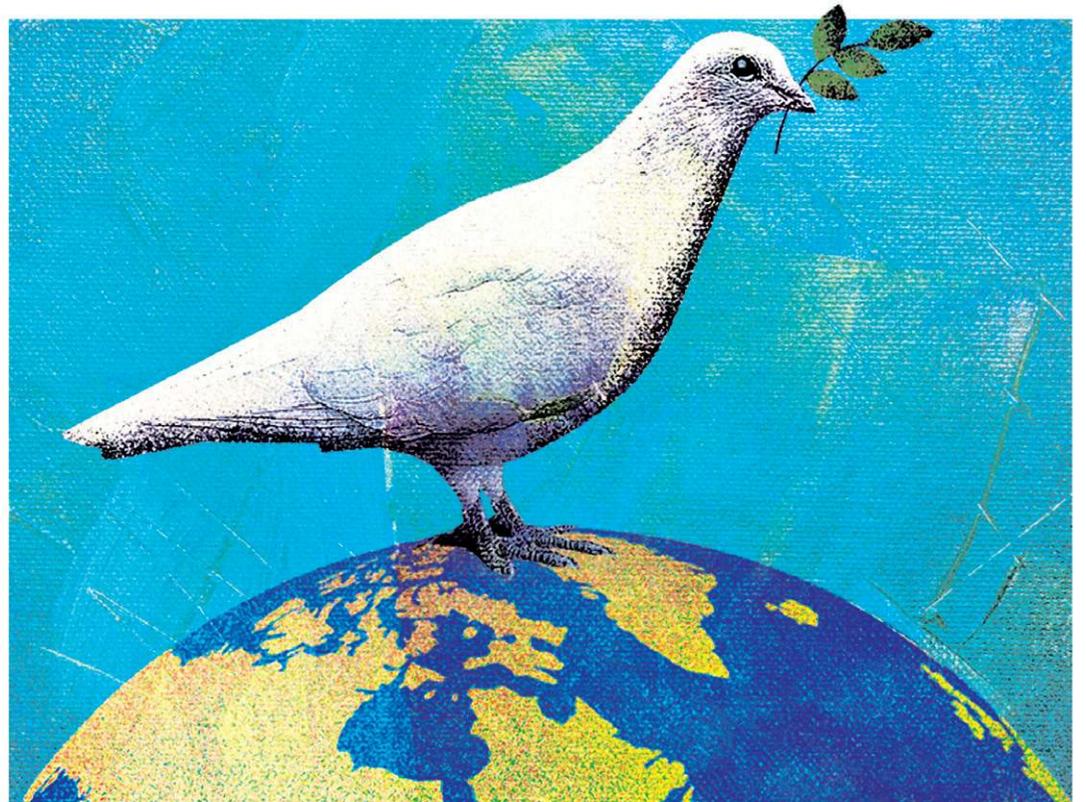
No mundo todo, o dia 10 de dezembro marca um dos pilares mais importantes da nossa existência coletiva: a luta pela dignidade de todos os seres humanos. Proclamada pela ONU em 1948, a data nos lembra que liberdade, justiça e igualdade não são privilégios, mas direitos. Um lembrete urgente, em tempos em que esses valores parecem constantemente ameaçados.

É um dia que carrega um peso histórico. Não é apenas uma comemoração, mas uma pausa necessária para refletir sobre os avanços, os retrocessos e, principalmente, sobre o que ainda precisa ser feito. Na luta por direitos humanos, nenhuma conquista é garantida para sempre. Cada geração precisa reafirmar esse compromisso.

Em meio a essa reflexão global, a presença de um dos maiores pacifistas do mundo foi festejada com imensa alegria e apreciação pelo grupo de pacifistas da capital. Rafael de la Rubia, nascido em Madri, em 1949, matemático e cientista da computação, humanista, ativista dos direitos humanos e fundador do Movimento Mundo sem Guerras e Sem Violência e da Marcha pela Paz e Não Violência, veio especialmente a Brasília passar apenas um dia.

Sua iniciativa se destacou pela simplicidade e força simbólica: a Marcha Mundial pela Paz e pela Não Violência. Idealizada por Rafael de la Rubia, a marcha é uma ideia que transcende fronteiras, conectando pessoas em um esforço coletivo para promover o diálogo, a compreensão mútua e a convivência pacífica.

A iniciativa da marcha é poderosa em sua essência. Enquanto as guerras, os discursos de ódio e a desigualdade dominam as manchetes, a caminhada se torna um ato revolucionário. Não é apenas sobre andar; é sobre cada passo carregar um compromisso. É sobre o silêncio da



reflexão e o som das vozes que se unem para lembrar ao mundo que a paz é possível — mas exige esforço, coragem e persistência.

Em 10 de dezembro, Rafael de la Rubia esteve aqui em Brasília, e sua presença trouxe consigo o espírito do movimento. Ele caminhou pelas avenidas largas e pelos espaços que simbolizam o poder no Brasil, compartilhando sua mensagem de esperança e engajamento. Em discursos e encontros, destacou que a paz e os direitos humanos não são objetivos separados, mas interdependentes: não há paz sem justiça social, e não há justiça sem respeito à vida e à dignidade de todos.

De la Rubia lembrou que a marcha é tanto um ato simbólico quanto prático. É um convite para que cada indivíduo, em qualquer canto do mundo, participe do movimento. Mesmo sem grandes multidões ou eventos, cada gesto de

não violência, cada escolha pelo diálogo em vez do confronto, cada atitude de respeito e empatia já são um passo nessa caminhada pela paz.

Em Brasília, a visita de Rafael ecoou como uma mensagem silenciosa, mas profunda. Na cidade construída como símbolo da modernidade e da democracia, o ativista trouxe à tona uma reflexão: “Estamos realmente construindo um mundo onde direitos humanos são respeitados? Estamos marchando, cada um à sua maneira, rumo à paz?”

Enquanto o dia terminava, a imagem de Rafael de la Rubia no Palácio do Planalto parecia um lembrete ao mundo. Nenhuma mudança acontece num passe de mágica. As mazelas humanas não desaparecem assim de uma vez, mas passo a passo. E cada um de nós tem o poder de dar o próximo, inclusive admitindo nossas próprias falhas com humildade e coragem e agindo de modo a superá-las.